



TYPO DE BELLEZA ANDALUZA

N.º 232 Lisboa, 1 de Agosto de 1940

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno, 4800 réis — Semestre, 2400 réis
Trimestre, 1400 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
zição e Impressão *Rua Formosa, 43*



Uma delicia em tempo de calor

Em toda a parte, nas casas ricas ou pobres, na cidade e no campo, em terra e no mar, o uso dos

Syphões Drana Sparklets

se impõe como um ideal de conforto e hygiene.

A' venda em toda a parte. Concessionario para Portugal e colonias

Pharmacia Barral

126 — RUA AUREA — 128

LISBOA

Nota. — Aos syphões com muito uso lembramos a conveniencia da substituição das 3 peças de desgaste, que vendemos ao preço de 200 réis cada caixa de cinco peças.

RIO DE JANEIRO

Hotel Avenida



O maior e mais importante do Brazil occupando todo o quarteirão. Elevadores e telephones electricos em todos os andares.

220 QUARTOS

Magnificas accommodações, salões para visitas, leitura e banheiros. Diaria de 95000 réis para cima. Telephone 2873. Ender. telegraphic Avenida 7.

SOUZA, CABRAL & C.^o

AVENIDA CENTRAL, 152 a 162
Ponto de todos os bonds

Annexo: METROPOLE HOTEL, no mais bello e saudavel arrabalde da Capital com magnificas accommodações para familias e cavalheiros. Rua das Laranjeiras, 519.

PARA ENCADERNAR A Illustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **primeiro semestre d'este anno** da *Illustração Portuguesa*. Preço, 300 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envlam-se para qu'qu'r ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispicio respectivos.

Administração do SEQUO—LISBOA

Sociedade fabricante DE Discos



Acaba de ser posto á venda o esplendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado com as ultimas novidades, taes como: *Alma de Deus, Sonho de toito e outros de double face* ao preço de 1600 réis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de double face, grandes, a 750 réis. Ninguém os tem mais bem impressos, nem mais baratos. Pedidos á *Casa Simplicet, Bicyclettas, discos e machinhos fallantes*, de J. CAS-TELLO BRANCO, rua do Socorro, 23-B e rua de Santo António, 32 e 34, quer para venda avulso como para revender.

LOCÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS Umico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo e **L'DEQUEANT Pharmacia 38, Rue Clignancourt Paris** FRENÇA. 15, Rua dos Sapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas. **VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.**

O ARCHIDUQUE SALVADOR. É MORTO OU VIVO?.



Não ha historia moderna, n'uma familia real, mais interessante que a do esbelto archiduque João Salvador, sobrinho de Francisco José, imperador d'Austria. Podia pôr na sua cabeça uma das mais bellas corôas do mundo, porém, um dia renunciou a todos os seus titulos e trocou esse emblema da realeza pelo simples bonet de capitão da marinha mercante.

O principe era general d'um corpo do exercito austriaco e tinha vinte e seis annos. Era um homem intelligente, dedicado ás sciencias, um positivo n'aquella destrambelhada casa dos Habsburgos. A sua vida de quartel, o seu contacto com os soldados, levaram-no a escrever um livro onde censurava a instrucção acanhada que se ministrava nos regimentos austriacos e logo uma ordem do imperador o desterrou para Linz, d'onde enviou dentro em pouco a sua demissão. Não houve maneira de dissuadir o archiduque de semelhante resolução e como em volta do seu caso começasse a mover-se a diplomatica intriga de todas as côrtes, uma manhã sua alteza annunciou que renunciava a todos os seus titulos.

Não queria ser mais archiduque, nem correr o risco de ser imperador por morte do tio, á raiada d'outro principe, que como a maioria dos membros d'essa nobilissima casa d'Austria, casasse morganaticamente. Podia realmente succeder lhe isso. O herdeiro do throno fallecera mysteriosamente no castello de Mayrling ao lado da sua amante, a linda baroneza Vetsera; a sua viuva casára morganaticamente; sua filha seguiu o exemplo da mãe e recusára todas as pom-



1—O archiduque Salvador que tomou o nome de Jean d'Orth
2—O imperador Francisco José d'Austria

pas da realeza pela felicidade no amor; outro archiduque saíra do territorio austriaco e com o nome de Leo Volging fóra ensinar mathematica para a Suissa, onde Luccheni devia assassinar a infeliz imperatriz Isabel. O proprio herdeiro presumptivo do throno, o archiduque Francisco Fernando, casára morganaticamente e tivera de renunciar para sua mulher e para seus filhos ao throno da Austria que um dia occupará, embora elles possam ser soberanos na Hungria. D'este modo o archiduque Salvador foi mais radical. Renunciou a tudo entre o escandalo das côrtes europeas e fez-se commandante d'um navio mercante.



plido da mãe e recusára todas as pom-



O archiduque Francisco Fernando, herdeiro do throno

O seu titulo, o seu tratamento de alteza real, as suas condecorações, o seu logar junto do throno nos dias de gala, foram trocados por um simples nome: Jean Orth. D'um castello pertencente a sua mãe tirou o appellido, e assim envolto n'este pseudonymo em-

barcou no vapor *Santa Margarida*, que lhe pertencia, tomou o seu commando e partiu. Mas Jean Orth não ia só. Tinha na vida um lindo romance de amor; havia n'aquella resolução um formoso rosto de mulher. Era o da actriz Emilia Stubel que amava perdidamente. Foram para a America enlaçados, jurando nunca mais se separar a rapariga do povo do neto dos Habsburgos.

O *Santa Margarida*, no regresso d'aquella viagem d'amor, naufragou. Morreu toda a tripulação; fizeram-se exequias pelo archiduque, mas ficou sempre pairando em torno do seu nome uma nevoa de mysterio. O Banco Suizo recusava-se a entregar os capitães que elle ali depositára, e o povo dizia que Jean Orth não morrera.

Agora apparece um francez que diz ter visto o archiduque na ilha de Santiago, perto de Las Perdices. O *Santa Margarida* no regresso á Europa naufragára, mas Jean Orth comprára vastos terrenos n'aquella região e jstallára-se ali a cultival-os, vivendo na grande alegria d'um ser livre, fóra das pompas, ao lado de sua mulher, afastado de todas as etiquetas e d'uma possível successão ao throno austriaco. O francez declarou tel-o visto ainda duas vezes nas vespéras da revolução de Buenos-Ayres.

Um outro facto, que faz ainda acreditar na existencia do archiduque João Salvador, é o que se refere ás declarações d'um amigo do barão Helfert, conselheiro intimo da côrte austriaca.

Durante muitos annos, o barão recebeu cartas da America do Sul, a que dava lon-

gas respostas, e nunca, por principio algum, se referia a essas correspondenias.

Max Nordau aproveita tambem a singular figura d'esse archiduque no seu livro *Casamentos Morganaticos*, mostrando-o puro ideal da felicidade no amor longe das pompas e indicando que ella se ia tornar uma realidade na America do Sul.

Que ha de verdadeiro em todo este mysterio?!

No livro de Nordau o príncipe fala assim:

«Vivemos de maneira tão contraria á natural que não temos onde ir retemperar as energias que se vão. Os meus descendentes, pelo contrario, creados ao ar livre e são serão uns gigantes patagónicos e poderia muito bem ser que se um dia recebessem de Vienna uma supplica para irem ser reis no paiz dos seus antepassados, os coitezaões vissem entrar no palacio uns homenzarrões muito mais magestosos que o meu sentencioso avô.»



A condessa Chotek herdeira do throno e seus

mulher do archiduque no da Austria e fillos

Não foi, decerto, essa idéa d'um rejuvenescimento da raça real dos Habsburgos que levou Jean Orth ao extremo de renunciar a tudo. Foi o amor.

E agora, feliz na America, vendo os seus campos ou olhando os seus rebanhos, ao lado da companhia querida ou no fundo do mar, morto com ella, a sua acção alimenta ainda o mysterio que faz perguntar n'este momento em toda a Europa:

— O archiduque Salvador é morto ou vivo? fatal que pesa sobre

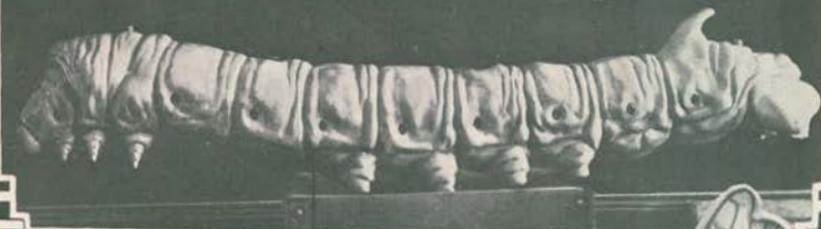
Parece um condão essa casa d'Austria, tão nobre e tão antiga, e que annuncia naturalmente uma separação da Austria da Hungria, após a morte do futuro rei, visto seus fillos não lhe poderem succeder.

A isso poderia obstar Jean Orth, casando n'uma casa real, mas elle não voltára mais, embora seja vivo.



Côrte da Hungria

A SEDA



2—A borboleta macho vista de costas

Portugal já teve em larga escala a industria da seda como já teve esquadras e thesouros. E' uma cousa do passado a que o marquez de Pombal quiz ainda dar um fortissimo impulso, não a esquecendo como de resto poucas cousas olvidou.



4—Borboleta macho vista de frente (Cicleta de Benolite)



3—A fabrica das sedas mandada pôr em laboração pelo marquez de Pombal

dou plantar amoreiras no sitio visinho do aqueducto e que tomou o nome d'estas arvores; edificou a fabrica das sedas, ordenou o cultivo dos bichos de seda n'um renascimento de editos severos que lembravam os da rainha de Khotan — a grande amiga do sirgo — e que retravam a protecção dos deuses a quem matasse aquelles laboriosos obreiros do tecido da suavidade.

De tal forma se aperfeçoou esta industria que D. Pedro III tendo manchado certo côrte de estimação, vindo do estrangeiro, fez-se um igual na fabrica portugueza e que seria impossivel de destinguir do outro sem a nodoa que o transformava.

Eram de fina seda os vestidos das airosas sécias, as casacas solemnes dos peraltas, de seda se vestiam os prelados e se almofadavam os coches; forravam-se as salas, alindavam-se os moveis, faziam-se os reposteiros e ella era na vida um permanente e suave contacto. Se havia de ir para fóra todo o dinheiro que se gastava n'este luxo podia bem ficar no reino e então o homem-providencia man-





Não havia palmo de quintal onde não vicejassem i morciras, casas onde não se tratasse o sirgo que a fabrica pagava e via-se pelas encostas transmontanas os dedos mais rudes mexerem os casulos delicados na esperança de ganhos que chegam a vir. Em Portugal fabricava-se a seda; ficava n'ulo dinheiro na nação; exercia esta in-



- 1—Camonezas recolhendo a semente na estação de sericultura de Mirandella
 2—Amorveiras mandadas plantar pelo marquez de Pombal junto á fabrica das sedas. (Chêchê Benoliel)
 3—A analyse da semente

dustria que dentro em pouco la decahir, com o resto das reformas, no dia em que, morto o rei José, chamaram ao marquez o homem-catastrophe e plebeiamiento o Sebastião José.

Essa decadencia accentuada nos outros ramos da vida portugueza foi total na industria da seda. Carlota Joaquina, n'um dos intervallos dos seus amôres e das suas conspirações, creou ainda o bicho de seda no seu quarto do paço de Queluz, incutiu no

espírito das damas esse culto e D. João VI instituiu uma medalha para os que cultivavam essa iniciativa. Vieram os francezes,

as guerras, as convulsões e o facto de briche. Nunca ninguém mais pensou em fazer esse cultivo rendoso, e a indústria, após uma agonia lenta, falleceu.

E' no entanto facil ressurgir, porque apesar da epidemia que devastou o sirgo em toda a Europa, Portugal exportou ha cincoenta annos só por tres dos seus districtos mil e quatrocentos centos de casulos e sementes de sirgo.

A amoreira dá-se em todos os terrenos; é galharda com as suas folhas largas e verdes; não é muito atreita a doenças e se a cuidassem como ás arvores dos pomares viveria seculos. N'ella está o alimento para a legião de bichos de seda cuja produção faria renascer a industria.

E que curiosa e interessante ella é com toda a sua delicada maneira, com todas as suas peripicias. Desde que no começo de julho o bicho faz a postura, trata-se de guardar as sementes que devem ser conservadas até que as amoreiras comecem a rebentar. E' quando se faz a descollagem com agua á temperatura do aposento onde se vae dar o banho a esses ovos que serão incubados por uma alteração progressiva da atmosphera. Dois dias depois começa o sirgo a sahir; geralmente nasce de manhã das cinco ás nove, sendo collocados separadamente n'uma grade, dando se-

lhe uma ração de folhas de amoreira brava ou enxertada cortada em estreitas tiras. Augmentam-

lhe as refeições; o bicho vae crescendo, mudando de aspecto, deixando de ser um pequeno fio negro, onde apenas a cabeça avoluma, para se tornar n'um animal claro, d'uma pelle finissima, extranho com a sua bocca e com o seu corpo, com as suas patas, de movimentos lentos sobre as folhas que forram a grade onde vive. E' n'este periodo, quando o appetite lhe diminue, que começam a produzir alguns fios de seda. Vem dentro em pouco a formação do

casulo, que se faz em ramos collocados positadamente no alto das caixas onde os bichos vivem, e dentro em pouco faz-se a colheita d'esses casulos de que se vae tirar a preciosa seda. Não pôde conservar-se mais de oito ou dez dias a colheita, porque as borboletas furam nos vinte dias depois da subida. E' necessario matar a chrysalida o que se faz por varios processos deaquecimento, começando depois a sua secca. Cortando-se um casulo e examinando-se, a chrysalida deve pulverisar-se entre os dedos para estar capaz.

Para a fição da seda mergulham-se os casulos em agua dentro de um apparelho e no fim procura-se o fio que deve ser

a chave do desenrolamento de todo o casulo, começando a formar-se a base de todo o tecido. Sofre ainda outras operações, entrando depois nos processos mechanicos até que é lançada no mercado a peça de verdadeira seda.

Nos campos da China e pela Turquia, a amoreira está plantada e desenvolvida a industria da seda; a essas regiões e no Japão a doença que devastou o sirgo não chegou. Entre nós, mesmo depois da restricção do plantio da vinha, não se plantou a amoreira.



A lavagem da semente



1—O empacotar da semente
2—A seleção da semente

ra como succedeu por ordem do conde da Ericeira no reinado de D. Pedro II, em que se installou tambem em Lisboa a primeira fabrica de sedas. Chegámos a exportar magnificos gorgorões e taffetás, mas dentro em pouco—Portugal nunca teve seguidos periodos de perseverança intelligente—voltava a agonia que o marquez devia paralyzar com o recurso da plantação da amoreira branca, de que destinou tres mil pés á fabrica real do Rato. Havia fabricas de seda por todo o reino, com a sua superintendencia. Eram as fabricas de Lisboa e de Chacim; os filatarios de Lebução, S. Fins, Valpassos, Villarelhos, n'essa região transmontana e que d'ahi a alguns annos desapareciam. Chacim finou-se, o Rato paralyzou se.

Veem depois novos esforços, o conde de Farrobo, com o seu instincto de elegante, procurou ainda dar um impulso a essa industria de que tanta belleza sahiria. Mas ella morreu com a doença do sirgo, com o abandono da amoreira. Acabaram as fabricas importantes que se deviam fazer renascer n'um grande vigor que seriam a base d'uma riqueza nacional que está na tradição. Já no tempo de D. Sancho se dava protecção á criação do bicho de seda e no reinado de Affonso V se solicitava a

execução dos editos que mandavam plantar amoreiras por todo o reino. Agora que se não planta mais vinha, seria talvez a occasião de voltar as vistas para esse grande fim, para o renascimento d'essa soberba industria em Portugal.

E' difficil obter a semente da amoreira, mas desde que se determinasse a cultura da arvore poder-se hia arranjar cuidadosamente extrahida do fructo, soffrendo depois as operações da lavagem e da seccagem para no começo da primavera ser lançada á terra.

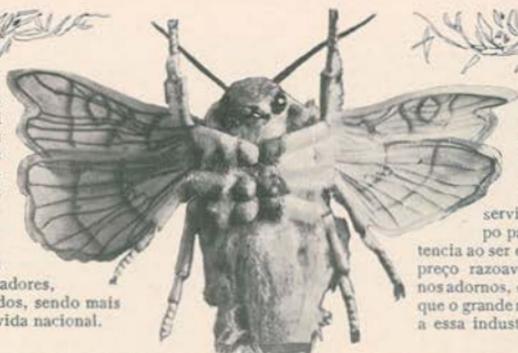
Vêr-se hia então por todos os pontos do paiz esse trabalho da plantação; a arvore a surgir para crescer: os viveiros que se formariam, os cuidados que se dedicariam a essas arvores bases d'uma riqueza nacional.

Pelos nossos campos, os lavradores poderiam crear o bicho de seda nos intervallos d'outros trabalhos; poderiam andar n'outras labutas e a venda dos casulos sempre lhes daria uma receita proveitosa. A exportação do casulo rende pouco, mas ainda o bastante para ser considerada. O ideal, porém, seriam as fabricas de seda com todos os seus aparelhos modernos, a empregarem um grande numero de braços. As aldeias ganhariam, com a criação do sirgo, a venda do casulo que entraria na fabrica a soffrer todas as operações para dar um bom fio.

Um seguro emprego pa-



ra as mu-
lheres ali
estaria n'essas
officinas vastas
com as suas ma-
chinas delicadas
e dentro em al-
guns annos as se-
das portuguezas en-
trariam nos mercados
por preços compensadores,
mas ao alcance de todos, sendo mais
um desafio para a vida nacional.



sa, poderia
ser em Por-
tugal a ori-
gem do pão
de muitos pobres,
servindo ao mesmo tem-
po para alindar a exis-
tencia ao ser empregada por um
preço razoavel no mobiliario,
nos adornos, como na epoca feliz em
que o grande marquez deu o impulso
a essa industria agora perdida.



Ultimamente as sedas arti-
ficiaes tem sido preferidas
pela sua barateza, é certo, mas des-
de que houvesse uma grande pro-
dução do sirgo toda a gente pre-
feriria a natural.

Diversas tentativas se teem feito
para o restabelecimento da sericul-
tura em Portugal, merecendo espe-
cial attenção os trabalhos do sr. Menezes Pi-
mentel, que fez um projecto d'essa regenera-
ção, no qual propunha a divisão da provincia
transmontana — onde mais se cultiva o sirgo
em zonas e cantões sericolas, o que daria re-
plantação da amoreira e seria uma nova vida
da industria da seda no futuro. Tambem
o sr. Roque da Silva e D. Anna de Castro
Osorio teem feito um aturado trabalho
de propaganda n'este sentido.

A seda, esse lindo tecido que
tão galantemente veste as mu-
lheres, o fio delicado que
é um suave contacto,
que tudo aristocrati-



1—Borboleta femina vista de frente

2—A escolha do casulo no posto de sericultura
de Mirandella

3—Borboleta femina vista de costas



O REGRESSO DO Sr. JOSÉ RELVAS

O sr. José Relvas, membro do directorio republicano, esteve durante algum tempo no estrangeiro, onde foi em missão especial do seu partido, acompanhado pelo sr. dr. Magalhães Lima, sendo ali coadjuvados pelo sr. dr. Alves da Veiga, chefe civil da revolução do Porto e que desde então reside em Paris.

Percorreram alguns paizes, tiveram entrevistas com algumas entidades politicas e com membros da imprensa, sendo publicada em varios jornaes da Europa e da America uma nota official do partido onde se expunha a opinião dos seus dirigentes ácerca da actual situação politica.

O sr. dr. Magalhães Lima ficou ainda em Paris, no complemento da missão partidaria, e o sr. José Relvas regressou a Lisboa a bordo do *Cap. Orcana*, tendo desembarcado em 21 de julho.

No Terreiro do Paço era aguardado por varios correli-



1—O sr. José Relvas 2—O sr. José Relvas conversando com o sr. Avelino d'Almeida redactor principal do *Século* 3—O sr. José Relvas desembarcando do *Cap. Orcana* (Clichés de Benoit)

gionarios e por alguns jornalistas, mostrando-se satisfeito com os resultados obtidos e dizendo ter encontrado por toda a parte, e sobretudo em França e em Inglaterra, uma grande sympathia por Portugal.

N'uma comunicação feita á imprensa o sr. José Relvas expõe ao seu partido os trabalhos realizados pela missão enviada ao estrangeiro em conformidade com as resoluções do ultimo congresso do Porto.



CASTELLOS DE PORTUGAL

Da volta das estradas avistam-se as ruínas, quasi sempre no topo das serras, tristes como gigantes envelhecidos e solitarios. Uma ruína dá sempre que pensar. Quando se vê a hera enlaçando pedras enegrecidas sonha-se com as lendas tambem enlaçadas n'esses paredões que se esboçam.

Do norte ao sul os castellos recordam passados d'heroismos, amores, tragedias, tiros e beijos, sorrisos e lagrimas, toda a antiga vida intensa com o seu tinto d'espadas, o seu torpel de corseis, a sua grita nos cercos, o seu ciclar de doçuras no mysterio das noites. Se n'essas ruínas se arqueira ainda uma janella é sempre um vulto de mulher que se evoca com uma rosa no peito e uma paixão nos olhos; se é um portão que se alarga relembram-se cavalleiros e escudeiriços aos upas das montadas, vestidos de ferro e com lanças altas, movendo-se ao luar; se é uma torre que se ergue pensa-se nas atalayas espiando o inimigo e diante d'um montão de pedregulhos tisnados a nossa imaginação procura inteirar-se do



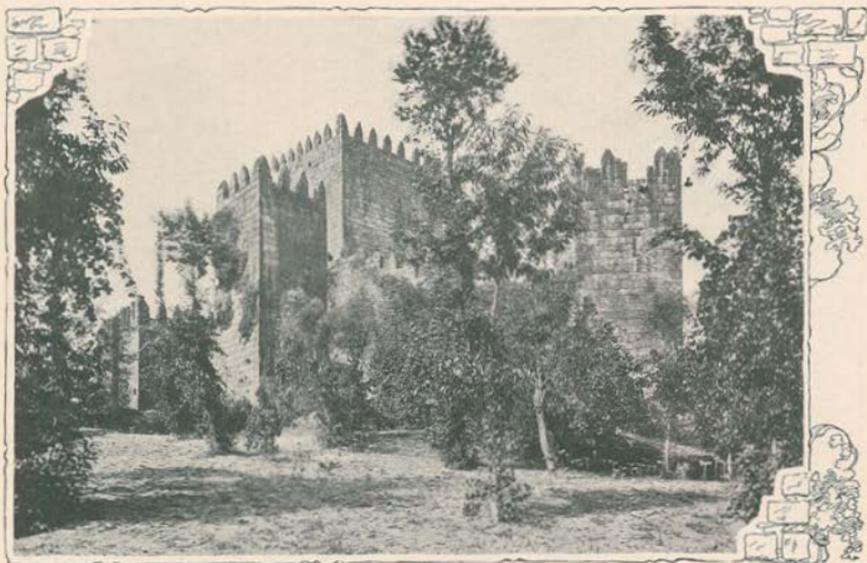
A porta de Martin Moniz no Castello de S. Jorge

O castello de Almonrol (Chick de Beuillet)

cataclysmo que os derriu.

São velhas como a nação, algumas mais antigas do que ella, essas ruínas de saudade. São assim os muralhões de Condeixa-a-Velha, os circuitos de Coninbrigia, aquelles restos d'uma das mais fortes praças da Lusitania. Foi o castello edificado sobre um rochedo a que chamam ainda Almedina e era abastecido d'agua por um aqueducto da fonte d'Alcabideque. Sente-se que ali houve uma cidade populosa, que uma turba enorme rumorejou, se agitou nas lides e nas festas; é toda uma civilisação que parece ressumar d'essas pedras mudas, é toda a velha vida romana que ali passou.

Em Guimarães são ruínas de paços e do castello, a cinta de pedra que foi outr'ora defendido pelos vimarenenses contra os mouros e d'onde a gente de Barcellos fugiu tão espavorida que o rei ordenou que d'ali por diante viesse o povo do logar, uma vez por anno, varrer a praça de Guimarães. Não é difficil evocar tambem essa forte mulher, que foi D. Ta. eja, que n'outro castello, o de Lanhoso, se devia mais tarde recolher antes do vêa da penitencia.



1—O castello de Guimarães. Torre de Menagem

2—Ruínas do castello de Guimarães

A'quellas muralhas ella acudiu com seu troço de gentes, suas hostes envergadas de ferro, as signas alteadas, os pendões desfreadados, respondendo com golpes ferozes dos seus homens d'armas ás de-

clarações do violento amor do conde de Trastamara.

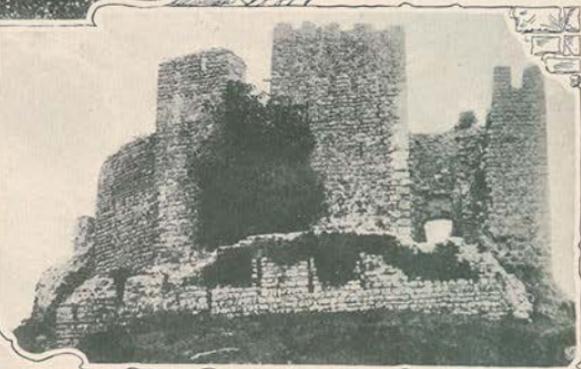
Estranha mulher essa que aos beijos que desejavam dar-lhe na sua appetitosa carne de viuva de pouca eda-





1—Torre romana nas muralhas de Coimbra em Condeixa-a-Velha

de, respondia por uma defeza á mão armada. E' porque não amava o conde de Trastámara. Se o amasse iria ella pro-

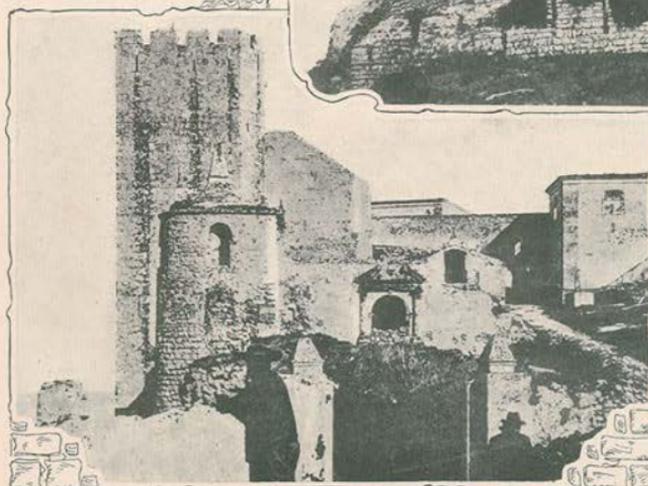


2—O castello de Pombal (Cliché do sr. dr. Mesquita de Figueiredo).
3—O castello de Palmella

o seu desejo de ruidosa vingança e ella cobriu com beijos aquellas imprecações. Passavam os dias n'aquelle castello romantico amando-se na agua. Mas um dia acordaram d'aquelle amor. O pae ia che-

pria, não se importando com a politica, levar-lhe de rojo as chaves da cidade na homenagem d'uma alma vencida.

A esta rainha que assim erriçava de lanças os baluartes para defender o seu corpo no castello de Guimarães antepõe-se a historia d'amores correspondidos do lindo castello d'Almourol, que se ergue como uma torre de ballada no Tejo calmo. Dentro d'aquellas paredes dentadas a filha d'un christão, cavalleiro e bravo, amou um formoso mancebo mouro que o batalhador recolhera depois de lhe matar a mãe e a irmã. Lembrava-se sempre o mourinho d'aquelles dois corpos trespassados pela espada do guerreiro, e á medida que ia crescendo ia alimentando um desejo de vingança. Mas a seu lado crescia em graça a filha do senhor d'Almourol e elle ahi ia colher flores para ella nas orlas da lagõa, deixar-lhas respeitosa-mente á porta do seu quarto. De novo foi o cavalleiro a bater a mourama e emquanto por lá andou, mais violento se tornou o amor do escravo, a quem a dona já sorria e deixava beijar as suas mãositas cõr da neve. Um dia contou-lhe o seu odio,





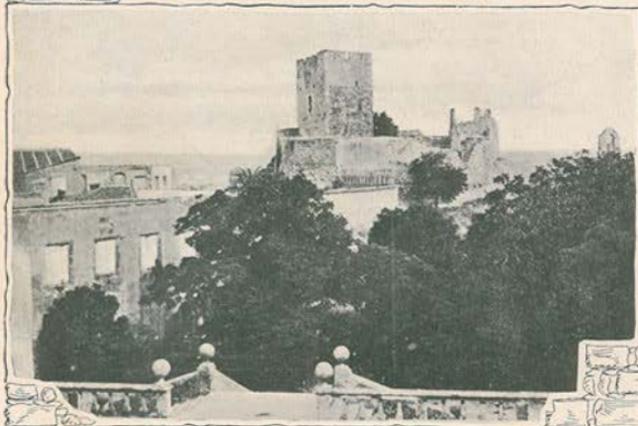
1—Castello do Alvito

gar, coberto de sangue e de gloria; e ella, tomando a mão do amante, levou-o comsigo n'um batel. Nunca mais appareceram e as muralhas rendilhadas d'Almouroul, que tinham ouvido os arrulhos d'aquelle amor, ouvi-

ram as pragas e imprecações do cavalleiro ferido na sua honra. E' este um dos lindos castellos de Portugal, como o mais robusto é o de Alvito com as suas cinco torres que



2—O castello da Guarda
3—Castello de D. Gualdim Paes em Thomar



D. João II mandou construir para João Fernandes da Silveira e ficou na casa dos barões de Alvito, seus descendentes, como uma herança preciosa.

Não é só a provincia que conserva essas pedras negras que relembram glorias e amores, Acima de todos os castellos, em le-



1—O castello de Mostemê o-Velho

genda e em belleza, está o de S. Jorge, que domina Lisboa, d'onde se avista pelas noites toda a cidade com as suas luzes, o seu rio, as suas outras collinas resaindo como lombas luminosas. Que velho é o castello! Ali os romanos viveram a grande existencia dos conquistadores; pelos seus subterraneos desceram até ás praias e foram ao seu theatro, cujas ruinas ainda ha pouco se viam na rua de S. Mamede. Foi a chave de Lisboa que Martim Moniz entregou ao seu rei com a sua vida entalando-se entre a porta, a dar tempo para os companheiros entarem de roldão. Chamaram ás suas duas torres derrocadas a de Ulysses, em memoria do lendario fundador da cidade, e a Albarrã, á guarda de cujas fortes portadas se confiavam os thesouros da corôa. As joias que adornaram as frentes das rainhas, os diademas que engalanaram as cabecitas hieraticas das princezas ali se guardaram e talvez que o conde d'Andeiro tivesse sentido nos seus labios, com o calor do collo de Leonor Telles, o frio das pedrarias dos collares tirados d'aquelle reducto. Ali deram grandes festas os reis, soaram alaudes, desenvolveram-se scenas de politica e de amor, ligaram-se destinos e geraram-se epopeias. Tudo isto se evo-

ca ainda n'aquellas violentas dedadas do tempo nas paredes seculares.

Fronteiriço, lá longe, visto de Lisboa, n'uma bruma como um castello habitado por gnomos n'algun morro da Silesia está o castello de Palmella, vetusto e rendilhado; mais proximo, n'outro cerro, ao alto do Tejo, o de Almada que relembra as correrias da mourama. A pouca distancia de Lisboa existe o de Cintra com as suas torres recordadas, ainda quente d'um idyllio, todo mettido entre nevoas como a alma germanica que o concebeu.

Um outro castello de heroismos, o de Faria, foi todo desmanchado para com os seus restos se edificar o convento da



2—Castello de Leiria 3—Castello de Sabugal

Franqueira. As pedras que viram as raivas dos combates sentiram depois a calma santa dos monges e em vez dos toques d'alarme foi o repicar dos sinos que ellas escutam.

O velho castello de Faria fôra residencia de senhores godos; depois praça forte com seu alcaide, que em 1373 caiu nas mãos dos castelhanos. O filho tomou o commando das hostes; propôz-se á defeza, mandou assestar trons, guarneceu as muralhas que resistiam ao impeto das catapultas, recolheu a gente do povo-do





1—Outro aspecto do castello de Gual Im Paes
2—Torre de Penegate

e declarou uma resistencia tão estranha que o capitão inimigo trouxe para defronte das muralhas o velho alcaide prisioneiro e ordenou ao arauto que dissesse ao filho do seu captivo que ou lhe entrega va o castello ou o pae seria morto á sua vista. A voz do velho alcaide souo aconselhando a resistencia; a dizer que melhor seria perder-se a sua vida que a fortaleza d'el-rei, e o novo guerreiro, suffocando as lagrimas e o amor filial, recusou-se a entregar o castello. Correu o sangue do guerreiro mas ficaram sagradas as pedras do castello de Faria que uns frades demoliram para construir o seu abrigo.

Tambem do castello de Leiria salu um pobre alcaide vencido, Payo Guterres; a sua guarnição tol passada a fio de espada pela mourama e elle levado como presa conseguiu evadir-se para ir a Coimbra tomar o habito de frade cruzio. Tempo depois D. Affonso I chegava com as suas hostes deante do castello. Era ao anoitecer; um corvo cruciava n'um ramo e a soldadesca vendo n'isso um bom agouro entrou de pegar fogo ao castello d'onde desalojou o inimigo.

O castello da Guarda, com a sua muralha guarnecida de torres por D. Sancho I, viu revoltas de bispos; o de Thomar tem a legenda sagrada dos ousados templarios, do Gualdim Paes, que mais parece um Amadis de

Gaula que um guerreiro de bem comprovada existencia.

E assim por cada terra seu castello arruinado, padrones do passado, tristes como todas as ruinas, mesmo esse out'ora formoso defensor do Sabugal, com a sua torre de menagem, de grande altura e pentagona da qual o povo dizia nas suas trovas curiosas as mais sentimentaes palavras:

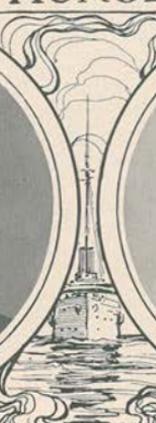
Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal
Senão junto ao rio Cõa
Na villa de Sabugal.

E' que D. Diniz quizer a n'elle symbolisar o seu p'ndão, quizer a sté mesmo mostrar bem toda a sua perseverança edificando a torre singular, na affirmação, posta n'um verso, de ter feito tudo quanto quiz.

Que pena não se terem conservado essas pedras entrelaçadas de hera como se conservam as lendas ligadas á historia e que são as grandes cousas d'um passado saudoso deante das agruras d'o presente.



O CRUSADOR "S. GABRIEL" NO HONOLULU



1—Sr. dr. R. L. Gaspar, vice-presidente da comissão executiva dos festejos á guarnição do S. Gabriel 2—Sr. A. D. Castro, representante no parlamento
Hawaiano na actual legislatura, presidente da comissão executiva dos festejos
3—A guarda nacional fazendo a continência aos officiaes do S. Gabriel em Honolulu na ilha de Maia,

O S. Gabriel esteve no Honolulu e a colonia portugueza soube receber dignamente a sua guarnição.

Não é pequena essa colonia; são uns vinte e cinco mil portuguezes que a compõem, gente de trabalho que arranca o seu pão da terra á custa de muitos esforços e que rejubilou em frente da bandeira portugueza.

Existem ali muitos japonezes e chinezes, mas os trabalhos mais arduos são feitos pelos nossos compatriotas que são cabouqueiros ou andam na plantação da canna d'assucar por conta d'uma companhia que lhes fornece casa, a qual lhes ficará pertencendo ao cabo d'al-

guns annos. O portuguez é aventureiro; mal se fixa, sente a necessidade voluvel de aspectos novos, de grandes sensações, a vontade rapida de fazer fortuna e então muitas vezes deixa as plantações e parte para a California seduzido pela lenda do ouro. Pagam-lhe então a casita por um preço humilde, que tem de aceitar, em vista de não a poder vender senão á companhia. Os ordenados são tambem diminutos. Com menos de trinta dollars mensaes não se pode viver e os trabalhadores recebem ali apenas vinte e dois.

Emquanto os portuguezes andam na cultura da canna os chi-



Grupo de oficiais superiores e marinheiros com os membros da esquadra portuguesa em Hováli.

nesses tratam dos assuntos. Os vigilantes em todos os trabalhos são índios impecáveis que asseguram os padrões sobrecarregando os trabalhadores.

Quando o *S. Gabriel* ali esteve uma leva de setenta portugueses ia deixar Hováli para procurar fortuna em S. Francisco. Em todo o caso os vinte e cinco mil portugueses que ali estão não mantêm duas associações de socorros mútuos: a Lusitana e a de Santo Antonio. Não há banco nem casa de negócios em grande escala portuguesa. Há todavia um jornal escrito na nossa língua que mantém os interesses da colônia. Apesar de todas as dificuldades da vida alguns dos nossos compatriotas não houve hesitações para cobrir a subscrição destinada aos besteiros à guarnição do *S. Gabriel*.

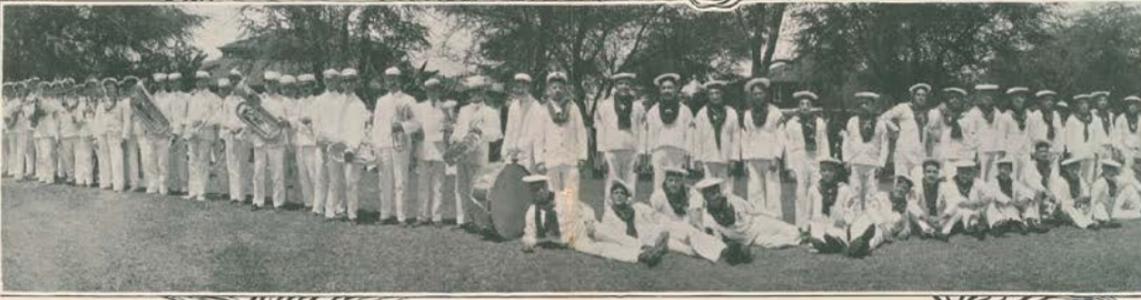
A consuleira seccutiva presidida pelo sr. A. D. Castro fez as coisas brilhantemente e assim os nossos officiaes e marinhe-



—Um Paesl City, a cinco milhas da Hováli: A banda portuguesa Consorda e a guarnição do *S. Gabriel* N'um Ancho.

ros percorreram alguns pontos da cidade no meio das mais estroindas festas. Ao desembarcarem, a guarda nacional formou no caso fazendo-lhes a continência e em terra, após a saudação solenne, foram convidados para virtuos banquetes. Uma das mais interessantes partes das festas foi a encenação no vulcão Kilauea que deixou encantados os nossos marinheiros. O vulcão estava em actividade a aquelle mez de maio; do topo do alto amoste escorria a lava e por caminhos curvados na rocha podiam ver-se a alguma distancia na sua labregação. Senhores da colônia gentilmente visitados, as persoaagens importantes, honras do commercio e até trabalhadores acompanharam os seus hospedes a esse lugar de onde se distinguia um soberbo espectáculo.

Tambem foi oferecido um *At-sea* na Baía de Mala, em S. Velle e as saudações collocaram no peçoço dos officiaes e marinheiros grandes feitores de flores da região; em todas as mãos havia pequenas bandeiras portuguezas a recordarem a patria que ellas symbolisavam e tudo decorreu no maior dos encantos, travando-se amizades que nunca mais esquecerão.





1—A festa do Corpo de Deus em Hawaii: A torça portuguesa saindo da igreja catholica
 2—No vulcão de Kilawa: Officiaes do S. Gabriel e membros da colonia, vendo-se ao centro, no primeiro plano, o commandante do S. Gabriel, sr. Pinto Bastos, e o sr. dr. Gaspar, vice-presidente da commissão de festejos

A' sombra dos grandes toldos foi posta a mesa, em volta os officiaes confraternizavam com os membros da colcniã, trocavam-se as mais affectuosas saudações em que tudo se recordava, desde as afeições deixadas nas suas terras—os colonos são quasi todos madeirenses ou açoreanos—até aos trechos das paizagens patrias que Honolulu não lhes pode recordar.

Por fim, cercados sempre pelo mesmo entusiasmo, os officiaes e marinheiros do S. Gabriel despediram-se da cidade, onde deixaram grandes recordações, e o na-

vio partiu no meio d'uma profunda saudade.

Por toda a parte onde ha portuguezes os nossos marinheiros foram bem acolhidos e no Honolulu as recepções não desmereceram das realisadas n'outras regiões. As vantagens d'essa viagem de circumnavegação ficam, pois, bem accentuadas deante dos resultados obtidos e da demonstração que Portugal não esquece os seus filhos que se expatriam para irem ganhar rudemente a vida nas mais distantes paragens, como esses que se installaram no Hawaii.



A BUSCA PERIGOSA D'UM MANJAR OS OVOS DE GAIVOTA

Um dos pratos mais queridos dos *gourmets* é o que se compõe d'ovos de gaivota e mal se imagina os trabalhos que custa esse manjar, os verdadeiros prodígios empregados para o obter, para que vá às mezas onde requintadamente se come.

Nas costas penhascosas da Escócia ha homens que se dedicam exclusivamente a esse mister. E' necessaria uma audacia sem limites, são precisas qualidades extranhas d'equilibrio, condições de acrobatismo bem perigoso, para se conseguir algumas dúzias dos saborosos ovos. Suspenso d'uma corda sobre o abysmo um homem procura



1—Procurando o ninho
2—Conduzindo os ovos
(Chicki Delius)

os ninhos nas anfractuosidades dos rochedos e passa-os a um companheiro que conduz cautelosamente a preciosidade porque arriscam a vida e que tem preços elevadissimos nos mercados.

Em baixo é o precipício, a agua revolta, são as grandes fragas com as suas arestas como laminas e elles no topo dos rochedos mantendo-se custosamente, fazem o seu trabalho que lhes pôde ser fatal a um movimento falso. Depois, ao apanharem-se no terreno firme, ao repararem na sua colheita e nos perigos que correram para a fazer, ao lembrarem-se d'aquellas cordas que se partissem causariam a sua morte, sentem bem o terror das luctas travadas para obterem o seu sustento tão custosamente ganho apanhando os ovos de gaivota, manjar delicado para uns, tormento diario para outros.



OS NOVOS GOVERNADORES CIVIS DO CONTINENTE



1—Sr. Arthur Alberto Vaz Ferreira, governador civil de Viana do Castelo 2—Sr. Francisco Botelho, governador civil de Braga (Phot. Biel) 3—Sr. José Louisa, governador civil de Bragança 4—Sr. Carvalho Moreira, governador civil de Villa Real (Phot. Teixeira, de Villa Real) 5—Conselheiro José Arroyo, governador civil do Porto (Cliché Biel) 6—Dr. Vaz Ferreira, governador civil de Aveiro 7—Sr. dr. José Jardim, governador civil de Coimbra (Phot. Bobone) 8—Conselheiro José Victorino de Souza e Albuquerque, governador civil de Vizeu



1. Conselheiro Amândio da Motta Veiga, governador civil da Guarda, (Phot. Vidal & Fonseca) — 2. Ernesto Nunes da Costa e Ornellas, governador civil de Castello Branco — 3. Conselheiro Simões Bayão, governador civil de Leiria, (Phot. Bobone) — 4. Belard da Fonseca, governador civil de Santarém, (Phot. Almeida) — 5. Alfredo Mendes Magalhães Ramalho, governador civil de Lisboa, (Phot. Vidal & Fonseca) — 6. Abílio Socorro, governador civil de Évora — 7. Conselheiro Jeronymo J. d'Andrade Sequeira, governador civil de Portalegre, (Phot. Bobone) — 8. José Faria, governador civil de Beja (Phot. Vasques) — 9. Dr. José Teixeira d'Azevedo, governador civil de Faro (Phot. Vidal & Fonseca)

OS NOVOS QUADROS

DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES.

O Museu Nacional de Bellas Artes adquiriu mais tres quadros que vão enriquecer a sua galeria onde ha algumas obras primas. Dois d'esses trabalhos pertencem a artistas consagrados; o terceiro é d'um rapaz que se consagrou agora com a sua obra cheia de vida e de impressão.

Roque Gameiro, o auctor da famosa aguarella, que se intitula *Provando o jantar* tem-se dedicado sempre ao estudo, é um artista em tudo na sua vida particular como quando trabalha para o publico. Ilustre entre os illustres, o primeiro aguarellista portuguez, deu a esse quadro uma côr, uma ob-

—«Provando o jantar» aguarella de Roque Gameiro

2—«O Verão» quadro de Sousa Pinto



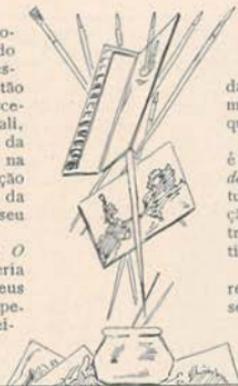
servação e uma technica que o collocou entre as suas melhores obras do genero. E' na estrada de Carenque, desviada no fundo do atalho, aquella casa tão portugueza onde o artista faz passar a scena d'interior tão simples e tão bella e all, todas as manhãs, Roque Gameiro copia da natureza os seus aspectos, encontra na tranquillidade que o rodeia a inspiração d'esses magnificos trabalhos como o da aguarella que muito justamente o Museu Nacional adquiriu.

Sousa Pinto, o auctor do quadro *O Verão*, que tambem entrou na galeria nacional, vive em França e nos seus quadros tem-nos dado costumes e aspectos d'esse paiz, tratados d'uma manei-

ta to-la a indolencia dada pelo ardor do verão; vê-se nos seus seios, nos seus braços, na carnção clara a fadiga agradável d'aquella estada á beira d'agua, no meio do campo com o sol a dardejar raios que vão crestar a sua pelle.

O terceiro quadro que entrou no Museu é a aguarella de Alberto de Sousa *A ponte dos vapores do sul e sueste*, assumpto portuguez, trecho lisboeta, todo de observação, executado magnificamente e nem d'outra maneira se comprehendia que um artista novo, recebesse tal consagração.

Na exposição de Bellas Artes essa aguarella chamava os olhares, prendia com o seu ar de verdade; a velha ponte de pões limosos, com o seu resguardo ao

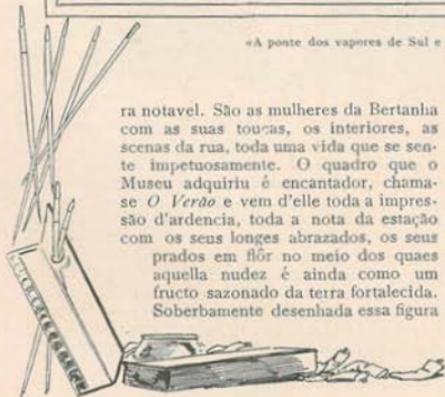


«A ponte dos vapores de Sul e Sueste», aguarella de Alberto de Sousa
(Clichés de Benolici)

ra notavel. São as mulheres da Bertanha com as suas toucas, os interiores, as scenas da rua, toda uma vida que se sente impetuosamente. O quadro que o Museu adquiriu é encantador, chama-se *O Verão* e vem d'elle toda a impressão d'ardencia, toda a nota da estação com os seus longes abrazados, os seus prados em flor no meio dos quaes aquella nudez é ainda como um fructo sazonado da terra fortalecida. Soberbamente desenhada essa figura

fim como uma grande caixa onde se espera o silvo dos vapores que singram para Lisboa n'uma anciedade, com o seu tom lilaz no cair das tardes no inverno quando as gaiotas esvoaçam perto de terra e na cidade começam a apagar-se as tintas da casaria. Excellentemente observado, visto com olhos de vêr, executado com rigor, esse quadro merecia a honra que recebeu e que foi mais um instigamento para o artista novo trabalhar com a vontade que ás vezes fallece diante da injustiça.

São estes os quadros que entraram no Museu de Bellas Artes e que vão ser emparceirados com outras obras de authentico valor que já all existem.



FIGURAS E FACTOS

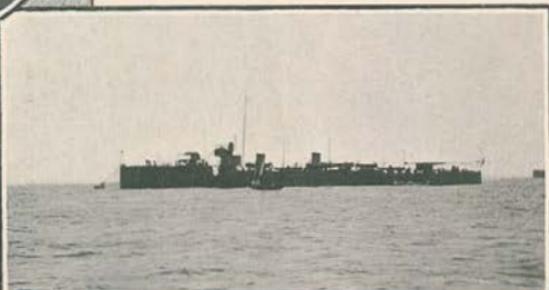


CAPITÃO DAVID RODRIGUES.—Após uma brilhante carreira militar em Africa o sr. capitão David Rodrigues escreveu um livro sobre a occupação de Moçambique historiando-a em todas as suas phases e mostrando um grande conhecimento da questão que debate.

Estes livros escriptos com a sinceridade que se nota na *Occupação de Moçambique* são sempre d'uma grande utilidade e concorrem d'uma forma positiva e pratica para o estudo da nossa vida colonial onde está porventura um largo futuro para a nação desde que se trata a valer de fomentar as energias e aproveitar os grandes valores que n'aquellas regiões existem.

Sob este ponto de vista, e como historia d'uma das nossas mais importantes colonias, o livro do sr. David Rodrigues é da maior utilidade o que sem duvida lhe será reconhecido.

O CONTRA-TORPEDEIRO BRAZILEIRO «SANTA CATHARINA».—Acabou de ser construido em Glasgow este novo navio da marinha brasileira que esteve fundeado no Tejo sob o commando do capitão-tenente sr. Francisco de Lemos Leça. O contra-torpedeiro é um barco de 650 toneladas com machinas da força de oito mil cavallos.



3—Sr. Pedro Bandeira auctor do livro *Novos Monogios*

O EX-CABO 115 DA GUARDA MUNICIPAL.—Seguiu para Loanda em 22 de julho, a fim de cumprir degredo o ex-cabo 115, da guarda municipal Manuel de Deus, que em 1904 assassinou dois officiaes no quartel da Estrela correndo depois á redacção do *Seculo* a fim de narrar o seu tresloucado acto. Condemnado pelo conselho de guerra a oito annos de Penitenciaria, apenas cumpriu a quarta parte da pena, devendo agora expiar em Africa a sua sentença com mais quinze annos de degredo. O ex-cabo 115 aprendeu na Penitenciaria o officio de sapato fero e teve all bom comportamento, o que lhe valeu aproveitar o indulto regio de 8 de maio de 1908.

- 1—O capitão David Rodrigues, auctor do livro «A Occupação de Moçambique»
 2—O torpedeiro brasileiro «Santa Catharina»
 4—O ex-cabo 115 da guarda municipal, que assassinou dois officiaes, a bordo do vapor que o condaz ao degredo.—(Cliché de Benoliel)



O AEREOPLANO

João Gouveia



1—O sr. marquez do Lavradio, presidente da commissão encarregada de levar a cabo a construcção do aeroplano João Gouveia



3—O avião com um dos operarios ajustando as peças



1—O avião com o pequeno aeroplano



4—A porta da officina do Arsenal de Marinha onde está sendo construido o aparelho; o corpo do aeroplano,



a dar resultados, será d'uma grande utilidade e só servirá para enaltecer o nosso país.

O motor deve ser comprado por uma subscrição que a commissão da construcção do aeroplano, á qual preside o sr. marquez do Lavradio, iniciará e para que

N'uma pequena officina do Arsenal de Marinha tem estado em construcção, sob a direcção do avião, o aeroplano de João Gouveia, a quem fôra concedida uma verba pelo ministro da marinha transacto, e, que, presentemente, está quasi esgotada, tornando-se dentro em pouco impossivel o proseguimento dos trabalhos.

O aeroplano é airoso e solido; tem o aspecto elegante d'uma grande ave com as suas azas largas, que falta cobrir da tela empregada n'estas construcções; mostra condições de resistencia n'aquelle forte madeira que se empregou, está ali aos nossos olhos admirados, como ancioso de vôar, e deante da commoção do seu auctor impaciente por essa subida nos ares.

Dia a dia, João Gouveia, com a persistencia que só uma grande paixão ou uma sentida fé podem dar, ali está, sendo ao mesmo tempo dirigente e operario, multiplicando se, procurando por todas as fôrmas acabar o mais rapidamente possivel o seu aparelho, todo entregue a esse grandioso sonho de vôo e tambem dia a dia, á maneira que se esgota a verba diminuta, vae tendo o desespero de vêr parar a sua obra querida, que, de resto,





2—Os trabalhos do aeroplano



3—O avião na oficina



3—Uma asa do aparelho
(Clichê de Benoit).



se aceitam todos os donativos, a fim de levar a cabo esta obra nacional.

Não ha duvida que o aeroplano Gouveia tem um formoso aspecto; as commissões technicas, a Academia de Portugal, o Aero-Club, já deram o seu favoravel parecer deante do relatorio do avião; sente-se que é necessario auxiliar por todos os meios esta iniciativa e que é dever do Estado conceder nova verba até final da construcção, para não ficarmos atraz das outras nações onde poderosamente se auxiliam estes trabalhos.

Em França e em Hespanha as camaras municipaes tem contribuido nos limites das suas posses para o desenvolvimento da

navegação aerea; sabe-se o que a Allemanha tem feito pelo dirigivel Zeppelin, o largo concurso que a França tem prestado aos seus aviadores, reclamando para si a prioridade da grande conquista do seculo; justo é, pois, que Portugal não deixe de coadjuvar este trabalho d'um portuquez.

Na pequena officina do Arsenal de Marinha elle lá está atroso e forte, bello como uma grande esperanza, tornando-se pouco a pouco mais apto para o vôo, á medida que vae recebendo as indispensaveis peças. Alguns membros da Imprensa e amigos do avião tem ali estado, e todos lamentam que o aparelho fique incompleto por não haver recursos, que não suba por esses espaços com o seu auctor, pela miseravel falta d'um mesquinho auxilio, que, a não vir, quebrará aquellas gentis azas.

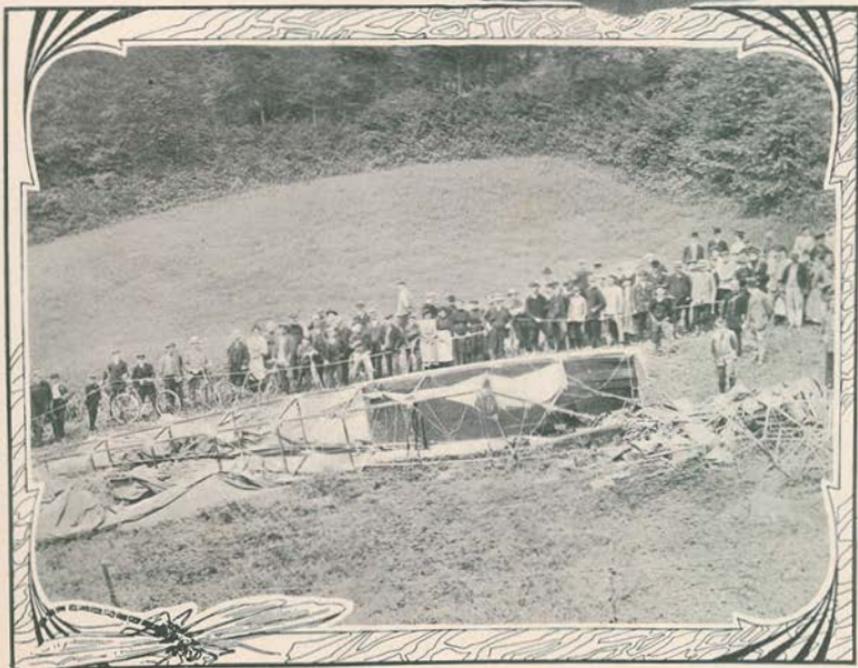


LÁ POR FÓRA

O millionario americano Irwing Tivanbly mandou construir para sua esposa um automovel original, onde apenas cabe essa senhora que gosa uma das grandes fortunas do mundo. Foi uma galanteria de marido apaixonado e sobretudo riquissimo que creou esse carro unico no mundo. E' todo de aluminio, fechado por oito vidraças que se podem baixar ao mesmo tempo ou uma de cada vez, de maneira a formar uma carruagem aberta por todos os lados e a que apenas fica o tejadilho. As almofadas são de setim azul com rendas da mesma cor, e jámais a mais bella das princezas teve um meio de condução de tanto luxo alliad a tanta velocidade, porque este automovel electrico anda quarenta kilometros por hora, graças ao seu motor d'um novo systema.

Tem no interior um aparelho calorifero e outro refrigerante, que se applicam conforme os desejos da millionaria, a qual, dando ordens por um porta-voz ao fogueiro, sentado na parte de traz do carro, pode não só mudar a velocidade como n'um vulgar automovel, mas ainda gosa da atmospha que mais lhe agradar.

1—Um capricho de millionario: O novo automovel electrico 2—O dirigivel allemão «Ersbloch» depois da catastrophe em que morreram cinco pessoas e entre ellas o seu auctor, Oscar Ersbloch, vencedor da corrida Gordon Bennett em 1907. O pai do acromantista falleceu tambem ao vêr o cadaver do filho



A FESTA DO SPORT LISBOA E BEMFICA



Partida para a corrida de bola

Na festa do Sport Lisboa-Bemfica, que se realizou em 24 de julho, houve varias provas curiosas, entre ellas o salto d'altura, em que ficou classificado em primeiro lugar o sr. Germano de Vasconcellos,



2—O sr. Germano de Vasconcellos vencedor dos saltos em altura

n'um salto d'um metro e quarenta centimetros.

Houve tambem corridas de barreiras em cinco eliminatorias, com as seguintes classificações: Florindo Ser-



3—Antes da partida para a corrida de barreiras
4—Outro salto em altura

ras, Germano de Vasconcellos, Luiz Gatto, Alberto Rio e Romualdo Bogalho,



te na corrida de vinte e cinco kilometros de estrada, chegando em primeiro lugar o sr. Francisco Rocha, que levou cinquenta e seis minutos e trinta segundos no percurso, seguindo-se-lhe o sr. José Damaso, que percorreu aquella distancia em cinquenta e oito minutos.

Na corrida de tres mil metros, o vencedor foi ainda o corredor que ha pouco ganhara a prova de vinte e cinco kilometros. A luta de tracção foi disputada por duas



4—Salto em altura
(Cliches de Benoliel)

entrando na final os srs. Luiz Gatto e Germano de Vasconcelos, que terminou a corrida em 20 segundos.

Uma das partes inte.essantes do exercicio era a corrida com a bola do foot-ball, que devia ser feita n'uma estreita faixa de terreno. Ficaram classificados n'esta prova difficilima os srs. Antonio Costa e Luiz Gatto.

Cinco cyclistas tomaram par-



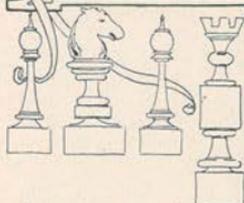
1—A corrida de bola 2—Outro aspecto da corrida de bola 3—Salto de barreira

equipes, ficando vencedora por duas vezes a formada pelos srs. Miramon, Antonio Ribeiro, Carlos Marrafa, Antonio Sobral, Guilherme Coimbra, Luiz Gatto, Germano de Vasconcelos e José Brito.

Realisaram-se tambem corridas de sacco e saltos de vara.



A CAPITAL DO XADREZ



A capital do xadrez é Halberstaedt, na Alemanha, onde todos os habitantes jogam com uma enorme habilidade o difícil e nobilíssimo jogo. Desde a infância que o praticam n'uma singular persistencia, havendo até mesmo casas especiaes onde as crianças fazem a sua aprendizagem e sendo o seu mais querido recreio nas escolas.

Ha uma lenda que explica essa tendencia dos habitantes da villa alemã para o mais scientifico dos jogos. O principe Gundolim da Bohemia esteve durante muitos annos prisioneiro na torre que ainda existe na villa e que se chama hoje o *Taboleiro do Xadrez*. Para matar o tempo, industriou no jogo o seu carcereiro, que, por sua vez, o ensinou á familia e aos seus amigos, depois, de descendentes em descendentes, por fim a todos os habitantes, que tem conservado atravez das gerações a pratica do xadrez.

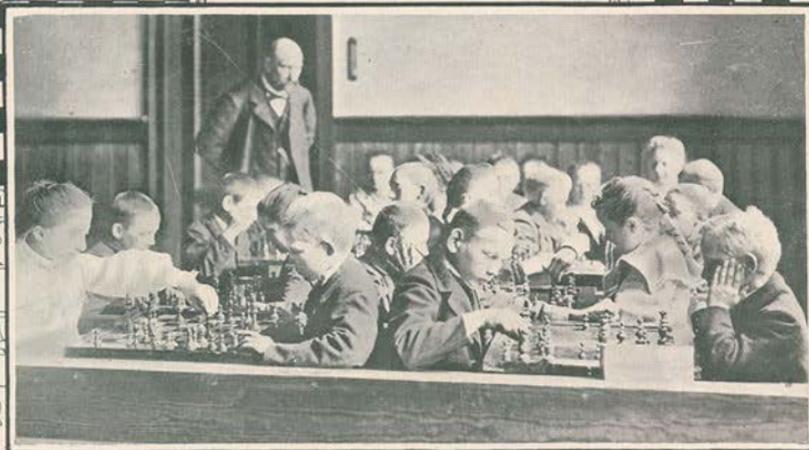
Todos os annos se realisa na villa um desafio a



Um torneio de xadrez

este jogo. A sessão é na escola communal, onde ha uma secção especial para o ensiãs crianças, que recebem como premios lindos e artisticos taboleiros.

Um pequenito de Halberstaedt causaria o pasmo d'um mathematico pela precisão que tem no xadrez tradicional da sua terra e tão difficil de jogar.



As crianças na escola aprendendo o xadrez
(Clichés Delius)

FIGURAS E FACTOS



D. LUTHGARDA DE CAIRES. — Foi a *Illustração Portuguesa* a primeira a annunciar a proxima publicação do livro *Glycinias*, em que a sr.^a D. Luthgarda de Caires reunira as melhores das suas poesias. O livro da distincta poetisa, n'uma edição requintada e luxuosa como um vestido de baile, acaba de ser posto á venda. Toda a imprensa lhe tem feitos as referencias devidas á inspiração lyrica da sua illustre auctora, que tão brilhantemente se assignala, com esta sua obra, como uma artista de merito.



ESCOLA MODELO. — O sr. conde d'Agrolongo acaba de fundar na travessa do Possollo, á Estrella, uma escola modelar destinada a ministrar educação e alimentação a 200 crianças da freguezia.



FERNANDO DE MACEDO LOPFS. — Com o pseudonymo de Paulo Cesar publicou o sr. Fernando de Macedo Lopes um livro de versos intitulado *Polychromias*, e onde ha algumas composições de valor.

O novo poeta cursa o terceiro anno de direito na Universidade e occulta-se n'um pseudonymo como seu pae Carlos Lopes, que acobertado no de Pedro Ivo, foi um dos primeiros contistas portuguezes,

O livro *Polychromias* é uma risonha promessa.

A MANIFESTAÇÃO A SARAH DE MATTOS. — No cemiterio dos Prazeres realisou-se em 24 de julho a manifestação junto ao tumulo de Sarah de Mattos, antiga alumna do convento das Trinas, e cuja morte foi causa do celebre processo da irmã Collecta tão ruidosamente acolhido por todo o paiz. Varias agremiações liberaes vão annualmente, pelo anniversario do fallecimento da educanda das Trinas, depôr flores no seu tumulo, n'uma ordeira manifestação, que este anno, como nos demais, se realisou comparcendo ali muitas pessoas.



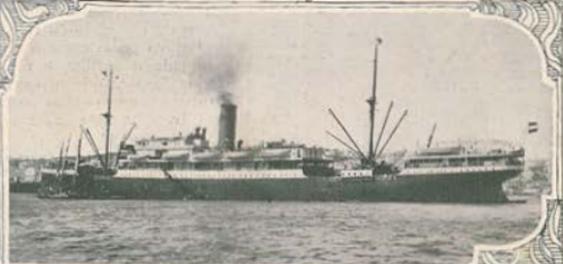
1—D. Luthgarda de Caires, auctora do livro *Glycinias*. (Phot. Bobone)
 2—A nova escola mandada construir pelo sr. conde d'Agrolongo
 3—Sr. Fernando Macedo Lopes (Paulo Cesar) auctor do livro de versos *Polychromias*. (Phot. Universal). 4—A manifestação á memoria de Sarah de Mattos em 24 de julho no cemiterio dos Prazeres (Cliché Benollet)



DR. BETTENCOURT RODRIGUES.—Esteve em Lisboa, durante algumas horas, no dia 26 de julho, tendo desembarcado do *Araguaya*, o nosso compatriota sr. dr. Bettencourt Rodrigues, illustre homem de sciencia, que se tem notabilizado no Brazil com os seus estudos acerca da cura da mordedura da cobra e da febre amarella. Republicano convicto, occupou os mais altos cargos do partido e por fim, descoroadoado com a marcha politica do seu paiz, fixou residencia em S. Paulo, onde conquistou pelo seu caracter e talento um grande logar.

Agora o governo estadual incumbiu-o de ir a Paris, a fim de se crear na Sorbone um curso de estudos brazileiros que vae ser regido pelo grande sabio dr. Luiz Pereira Barreto. Procurou ainda o sr. dr. Bettencourt Rodrigues alliar a esse curso um de estudos portuguezes, mas a sua iniciativa nao recebeu bom acolhimento nas nossas regoes officiaes.

PAQUETE ZELANDIA—A Mala Real Hollandeza acaba de mandar construir um novo paquete para a carreira do Brazil e Argentina e que fundou em Lisboa em 25 de junho. Chama-se *Zelandia* e foi construido em Glasgow; tem a velocidade de 15 nós e pode conduzir 110 passageiros.



1—O sr. dr. Bettencourt Rodrigues com sua esposa conversando com o redactor do *Seculo* sr. Ferreira Martins 2—O novo paquete hollandez *Zelandia* 3—O commandante do *Zelandia* com os srs. ministro da Hollanda, Pedro Gomes da Silva e d'Orey, agente da companhia 4—Um aspecto da tolda do novo paquete (*Cliches* de Benoit)

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

fiança e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depósitos:*

LISBOA—270, Rua da Princesa, 270

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: Companhia Prado

Numero telephonic: Lisboa, 605—Porto, 117

CAPITAL

Accções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação...	266.400\$000
Reis	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maior d'Hermio (Louzã), Valle Maior Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depósitos:*

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

fazem-se nas officinas da *Illustração Portuguesa*, postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernerentes com inxcedivel perfeição. Zincogravura e Photogravura em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nickelado. Em cobre. A côres, pelo mais recente processo—o de trichromia. Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos. Stereotypia de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Princia NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, B^{is} des Italiens, PARIS



o passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e profetiza o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pela applicação pratica das theorias de Gall, Lavater, Mesmerismes, Lombroso, d'Arpenigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 42, RUA DO CARMO, 43, sobre-ogã—LISBOA.
Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.



Agencia de VIAGENS ERNST GEORGE SUCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circuiatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

RUA BELLA DA RAINHA, 8—LISBOA

Viagens baratissimas
à TERRA SANTA

Depois da TARGA FLORIO em 16 de maio 1910

— A —

TAÇA DE CATALUNHA

29 de Maio de 1910 é GANHA pelo

PNEU MICHELIN

- | | |
|--|----------------|
| 1.º Goux (Lion-Peugeot) e | PNEUS MICHELIN |
| 2.º Giuppone (Lion-Peugeot) e | PNEUS MICHELIN |
| 3.º Carreras (Hispano-Luiza) e | PNEUS MICHELIN |
| 4.º Chassaigne (Hispano-Luiza) e | PNEUS MICHELIN |

DEPOSITARIOS

Oliveira & C.ª, Avenida Navarro **COIMBRA**
 A. Haack & C.ª, 32, Rua da Boa Vista **LISBOA**
 Laurencel & Oliveira, Avenida D. Amélia, 86 A, 86 D.
 Antonio Pereira Godinho Junior, 12 e 14, Caes do Sodre, Rua do salitre, 317
 Albert Nobelung, Garage Peugeot, Campo Grande, Rua Occidental

Sociedade Portuguesa de Automoveis, rua Alexandre Herculano **LISBOA**
 Ricardo O'Neill, 206, rua de Santa Marinha
 João Garrido, 16, 18, 20, Rua de Passos Manuel **PORTO**
 José da Silva Monteiro, 133, Rua das Flores
 Teixeira & Irmão, 453, 457, Rua do Sá da Bandeira

Coke inglez

Para cozinha O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 17, 2.º
 TELEPHONE 1738



Meio seculo de successo ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe
 da pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
 A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

GARAGE BENZ

RUA DA LIBERDADE N.º 24 A 48

TELEPHONE N.º 542

Officinas de reparações com pessoal habilitado para qualquer marca

Reparações de capas e vulcanisações de camaras Grande sortido d'accessorios, gasoline, oleos e stock Michelin

Telegrammas — JOSILMON

Telephone do escriptorio, 941

Alugam-se automoveis

REPRESENTANTE DA MARCA BENZ

José da Silva Monteiro

PORTO